

do a pesca predatória com navios de guerra da marinha francesa.

Sob a denominação de Operação Lagosta, um grupo-tarefa (GT) da Marinha brasileira deveria ser formado e enviado o mais breve possível para Recife/PE, a fim de reprimir a afronta francesa.

A ideia inicial era de se constituir o GT Vermelho 12.2 com o cruzador Tamandaré, quatro contratorpedeiros e, posteriormente, enviar outro cruzador e mais escoltas tão logo estivessem prontos. Tal decisão começou a se desfazer quando o estado do material flutuante foi apresentado. Com diversos problemas técnicos de toda ordem e mais a falta de pessoal para guarnecer os navios (o fato ocorreu em pleno sábado de Carnaval), o GT inicial foi reduzido a um grupo-tarefa composto dos contratorpedeiros: Paraná (onde seguiu o Cmt do GT, o contra-almirante Norton Demaria Boiteux) e o Pernambuco.

O GT, assim composto, seguiu para Recife, o destino final, por ser o porto mais próximo da área em conflito, onde os lagosteiros franceses atuavam. O GT ficou alguns dias na expectativa do confronto com os navios franceses, os contratorpedeiros Tartu e Paul Gaufeny que estavam assegurando a cobertura para três ou quatro pesqueiros.

Foram trocadas, durante essa fase, mensagens pessoais entre os comandantes Boiteux (Brasil) e o francês no sentido de aguardarem ordem superior para o cumprimento das respectivas missões.

O comandante francês ficou muito admirado quando o diálogo entre os dois foi estabelecido em francês, já que o comandante Boiteux dominava perfeitamente o idioma gaulês. Nessa expectativa, o GT aguardava ordem superior para o cumprimento da missão, isto é, iniciar o combate. Felizmente para ambas as partes (Brasil e França), nesse meio tempo, as conversações diplomáticas e a interferência dos Estados Unidos e da ONU concorreram para evitar o iminente conflito e, como decorrência, a declaração de guerra.

A retirada dos pesqueiros e dos contratorpedeiros franceses foi o sinal do regresso aos seus portos de origem. Um irônico e bem-humorado sinal de "boa viagem" emitido do contratorpedeiro Paraná, junto do afastamento do Paul Gaufeny da área de operações, marcou o fim daqueles momentos de apreensão vividos e apenas suportados pelas guarnições dos nossos navios de guerra, graças à liderança corajosa do almirante Boiteux, que agiu com prudência e firmeza - infelizmente atitudes só testemunhadas pelos que lá tiveram a honra de estar sob o seu comando. Síntese da Guerra da Lagosta: o Brasil venceu!

Nota:

O Contra-Almirante Norton Demaria Boiteux é tio do autor do presente artigo, por ser irmão de seu pai, o General de Brigada Nelson Demaria Boiteux, ambos já falecidos.

Campo Grande/MS, 16 de setembro de 2019.

Ecos Tropicais da 2ª Guerra Mundial

Prof. Israel Blajberg

1 – Brasil: entre Tio Sam e a Suástica

A 2ª Guerra Mundial e seus ecos tropicais se constituem em um tema da maior importância para a sociedade brasileira. Já se passaram décadas, mas o assunto continua atual. Em boa hora a ASA e o Clube de Engenharia encetaram essa profícua parceria, em local de profundo capital simbólico, na própria Avenida Rio Branco, onde em 1945 nossos bravos pracinhas que retornavam da Itália receberam o reconhecimento da sociedade pela sua luta vitoriosa contra o nazi-fascismo.

A aproximação Brasil-EUA tomou forte impulso após a crise de Wall Street de 1929, quando as potências da época, como o Império Britânico, os EUA e a Alemanha passaram a competir fortemente pelo mercado, os recursos estratégicos e o apoio do Brasil.

Implementando a chamada Política de Boa Vizinhança, o Secretário de Estado Cordell Hull assinou em 1935 um tratado de comércio com o Presidente Vargas, que ao mesmo tempo também acertou outro acordo com Berlim. Ambos os países lutavam para reverter a estagnação econômica.

Os EUA eram o principal mercado para o café brasileiro, e o Brasil exportava para a Alemanha café, cacau, algodão, lã e frutas.

No que concerne à Alemanha, o mercado brasileiro sempre foi importante, desde os tempos dos Kaisers. A diferença era que, ao contrário dos EUA, havia uma grande colônia alemã devido a imigração do séc. XIX, formando uma poderosa base de influência. O comércio era normal, como acontecia com os demais países aliados, até estourar a guerra.

Dentro da política de Vargas de não colocar todos os ovos na mesma cesta, tentando extrair o máximo de cada um, a Alemanha além de grande importadora, fornecia armas e manufaturados para o Brasil.

O Brasil se relacionava com ambos, mais acentuadamente com os Estados Unidos. Até 15 de janeiro de 1942 o Brasil era considerado país neutro. Para alguns, o presidente Getúlio Vargas tinha uma “neutralidade interesseira” ou “equidistância pragmática”. O presidente jogava com os dois lados, ora aparentemente tendendo para os Aliados, ora para o lado do Eixo, sempre procurando tirar alguma vantagem desta situação.

Vargas manobrava habilmente diversificando os mercados, lançando as bases que um dia conduziriam o Brasil a ser a oitava economia do mundo. Uma herança positiva para o pós-guerra, quando surgiram o BNDE, Petrobrás, SUDENE, ELETROBRAS.

A verdade é que o Brasil nunca planejou uma aliança com o Eixo, sempre procurando uma aliança com os EUA sem, contudo, colocar a soberania brasileira em xeque. As negociações militares entre os dois países não tem sido abordadas por muitos pesquisadores. Existem inúmeras obras sobre a FEB, escritas por historiadores e pracinhas, já o processo de negociação entre o Brasil e os Estados Unidos, nem tanto. Havia dificuldade no entendimento entre as duas partes. Foi um processo extremamente lento, iniciado em 1939, e consolidado após 1942, com os dois países postulando concessões um do outro.

As negociações eram tensas e desconfiadas, principalmente por parte dos norte-americanos, imaginando que autoridades brasileiras, inclusive militares, eram simpatizantes do nazismo.

Não parece de conhecimento público algum hipotético plano brasileiro de possível aliança com o Eixo, entretanto vários documentos demonstram amplas negociações entre Brasil e Estados Unidos, existindo abundante informação, mormente nos arquivos americanos como a NARA, em Maryland.

Os generais Dutra, ministro da Guerra, e Góes Monteiro, chefe do Estado-maior do Exército, tinham interesse meramente profissional na estratégia e equipamentos do Exército Alemão, como muitos militares de vários países. Mas nada havia de ideológico. Até hoje essa estratégia é estudada nas escolas militares.

No começo do século o exército enviou oficiais para estágio na Alemanha, e durante a 1ª Guerra Mundial foram nomeados adidos junto a tropas Aliadas, além da Marinha, que enviou uma DNOG para a Europa. Uma Missão Militar Francesa atuou também no Brasil de 1919 a 1939, e a partir de 1930 começou um relacionamento com os EUA. Dutra e GM não eram pró-nazismo, apenas conheciam perfeitamente todas as deficiências do nosso Exército, trabalhando para torná-lo bem equipado e em condições de defender o Brasil, ao tempo em que sempre postularam a manutenção da soberania do Brasil junto aos EUA.

2 – Acordos Brasil - EUA: o preço do desenvolvimento

Em 1º de setembro de 1939 rugem os tambores da guerra. No domingo (1º de setembro de 2019) completaram-se 80 anos do início da II GM, objeto deste ciclo. Eram tempos difíceis; uma possível invasão do território nacional não estava descartada, pelo estabelecimento de bases militares do Eixo no Nordeste, região com poucas defesas e no limite do alcance da aviação americana baseada no Caribe, além do difícil acesso para as tropas brasileiras estacionadas em sua maioria no Sul. As Ilhas de Fernando de Noronha e Trindade seriam alvos prioritários, dada sua especial adequação para bases navais.

Os planos de Hitler para uma Alemanha Austral na Argentina, Chile e Brasil eram similares àqueles implementados nos Sudetos, Áustria e Polônia, já que na América Latina também havia grandes colônias germânicas, quistos raciais pelos quais se transformariam aqueles países em celeiros e reserva de matérias primas para o III Reich. O Brasil era o maior consumidor não-europeu de produtos alemães, e o 9º em escala mundial.

A Lufthansa operava no Brasil, possuindo 100% da mais antiga empresa aérea brasileira, a CONDOR, e tinha participações na VARIG e VASP. Existiam dezenas de filiais do Partido nazista espalhadas pelo Brasil e coordenadas pela Embaixada alemã.

Em 41, com o avanço do Afrika Korps de Rommel, os Aliados necessitam com urgência de reforços, sendo então concedida a operação das bases aéreas de Natal e Fernando de Noronha aos aviões militares americanos, permitindo as vitórias de El Alamein, Tobruk e o levantamento do cerco de Bir Hakeim. Isso teria sido impossível sem o Trampolim da Vitória como escala fundamental do Sistema de Transportes Aliado, na rota de Miami para os teatros de operação europeu e asiático.

O desembarque do Dia D na Normandia e a invasão da Itália também se beneficiaram dessa logística, bem como as operações de retorno do pós-guerra, em sentido inverso. Sem Natal, tudo isso seria impossível. O Trampolim da Vitória já operava desde meados de 1941, antecedendo Pearl Harbor e a entrada do Brasil na Guerra, seja no transporte aéreo ou no apoio a campanha anti-submarina. A enorme Base Aérea de Parnamirim tornou-se o ponto focal do sistema de Transporte dos Aliados

No âmbito dessa cooperação, a Pan American foi autorizada a sobrevoar o território brasileiro, diminuindo o tempo de vôo para Miami. Em consequência a subsidiária Panair do Brasil passou a instalar estações radiotelegráficas de apoio à navegação aérea de Belém ao Rio de Janeiro. A Condor alemã é nacionalizada, transformando-se em Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul. Novos aeroportos são construídos pela Panair, Brasil afora, pelo programa ADP – Airports Development Program.

O Brasil participava ativamente das Reuniões de Consulta de Chanceleres das Repúblicas Americanas, no Panamá (1939), Havana (1940) e finalmente, no Rio de Janeiro em janeiro de 1942, poucas semanas após Pearl Harbor, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo.

As conversações que levaram ao estabelecimento de bases navais e aéreas americanas no Brasil tinham sido um sucesso. Mas houve um preço a ser pago pelos americanos, que na prática, a contragosto, acabaram impulsionando a industrialização do Brasil, com o EXIMBANK concedendo o financiamento de US\$ 20 M para Volta Redonda, após o discurso pronunciado por Vargas a bordo do encouraçado Minas Gerais, ao final de 1940. Nascia a CSN, e os EUA abandonavam o plano que chegara a ser cogitado pelo Presidente Roosevelt, a chamada operação Pot of Gold, prevendo o envio de 100.000 soldados para ocupar pontos estratégicos de Belém ao Rio de Janeiro.

Pouco depois ocorria o primeiro torpedeamento de um navio mercante nacional, o Taubaté, em março de 1941. A Alemanha afastava-se do Brasil, às vésperas da invasão da Rússia (União Soviética), a fracassada Operação Barbarossa.

Mas o Brasil também haveria de pagar um preço, em sangue. Cinco dias trágicos abalaram nosso país pacífico e ainda rural, em agosto de 1942 - quando 600 vítimas inocentes morreram afogadas nos cinco navios mercantes nacionais afundados pelo submarino nazista U-507, ação perversa de uma ideologia equivocada e inaceitável pela Humanidade. O Brasil foi atacado sem aviso pela mais poderosa potência militar da época, utilizando a ultra-moderna arma submarina, contra a qual a princípio não tivemos defesa.

3 – Manifestações e Articulações

O nosso Clube de Engenharia, até hoje uma trincheira da tecnologia na luta por uma sociedade melhor e mais justa, formou desde os primeiros momentos junto com o povo nas ruas, exigindo que o Governo Vargas desse uma resposta à altura, após a brutal agressão nazista ao Brasil.

Em 18 de agosto de 1942, o Diretório Acadêmico da ENE-UB, do Largo da Cruz de São Francisco, Alma Mater da Engenharia Nacional, presidido pelo estudante Hélio de Almeida, futuro Ministro dos Transportes e Presidente deste Clube de Engenharia, emitiu um comunicado onde os estudantes manifestavam sua disposição de lutar e colaborar no esforço de guerra.

Daquela escola partiram 14 alunos para a Itália com a FEB, eternizados na placa e estatua do Estudante de Engenharia Expedicionário, na Associação dos Antigos Alunos da Politécnica.

Desde o início da guerra em 1939 o Clube de Engenharia já se batia por uma firme tomada de posição do governo brasileiro em favor dos Aliados. Em 1941, o clube aprovou uma moção de solidariedade do Brasil aos EUA pedindo ao governo que o país rompesse relações diplomáticas com os países do Eixo.

Em agosto de 1942, o Conselho Diretor aprovou resolução de apoio aos estudantes que foram às ruas para exigir a declaração de guerra do Brasil ao Eixo. Eram os cara-pintadas da época. A sede foi colocada à disposição do governo e das forças armadas. A resolução conclamava todas as associações de classe a se unirem em torno do Clube de Engenharia.

Esta Casa da Engenharia foi então verdadeira caixa de ressonância dos ecos tropicais da segunda guerra, e por isso estamos hoje aqui, recordando aquela época fantástica.

Diante do clamor popular, o Governo reconhece o estado de beligerância, e em 31 Ago 1942 o Brasil declara o estado de guerra com a Alemanha e Itália.

Em outubro foi criada a FNNE, integrando a 4ª Frota dos EUA, organizada pouco depois de Pearl Harbor, com sede em Recife, sob as ordens do Almirante Jones Ingram, especialmente nomeado por Getúlio para comandar todas as forças aeronavais brasileiras e americanas operando no litoral.

No final de 1942 chegou ao Brasil a Missão Técnica Americana, chefiada por Morris Llewellyn Cooke, respeitado administrador do New Deal, que trabalhou em conjunto com técnicos brasileiros, muito aportando para o futuro planejamento do pós-guerra, sob a égide da Comissão Mista Brasil – EEUU, que em 1952 deu origem ao BNDE, depois BNDES.

O grande arquiteto da aliança com os americanos foi sem dúvida Oswaldo Aranha, Herói Nacional. Filho do Alegrete, liderou em terras gaúchas a Revolução de 30. Foi da sua lavra o discurso onde o Brasil declarou guerra ao Eixo.

Às vésperas do encontro de Roosevelt com Vargas em Natal aos 28 de janeiro de 1943, Aranha ofereceu ao Presidente, seu amigo de longa data, um relatório conciso convencendo Getúlio de apoiar os EUA até a vitória final, pois emergiriam do conflito como a grande potência mundial. Seria um grave erro não estar ao seu lado quando a guerra terminasse. A nota elenca os grandes objetivos nacionais, como desenvolvimento do poder marítimo e aéreo, da indústria pesada, expansão de ferrovias e rodovias, exploração do petróleo, consolidando uma posição de destaque na América Latina e no Mundo. Era quase que uma descrição do futuro do Brasil nos próximos 70 anos.

No encontro, Getúlio concordou com o envio de tropas para a guerra ao lado dos Aliados, mediante o reaparelhamento bélico das Forças Armadas. Seis meses depois, em agosto, foi criada a FEB, seguindo-se a ida de oficiais brasileiros aos Estados Unidos, para treinamento na Escola de Comando e Estado-Maior de Fort Leavenworth.

4 - Conclusão – As Lições que a História Ensina

Os mil anos do infame III Reich não passaram de 11 dolorosos anos para a Humanidade, até ser destruído, em Stalingrado, Bir Hakeim, Tobruk, Bagration, Monte Cassino, no Levante do Gueto de Varsóvia, nas praias do Dia D, no Monte Castello.

O Brasil, além de provar o trágico fel da guerra, de estar no front da guerra submarina, de ceder importantes bases aéreas e navais, fornecendo insumos estratégicos e alimentos, e apoio diplomático nas Conferências Interamericanas, ainda fez o supremo sacrifício em sangue, enviando suas tropas para o teatro de operações europeu.

No cômputo geral, além das preciosas vidas de 1.900 civis e militares, perdemos 31 navios mercantes, 3 navios de guerra e 22 aviões de combate.

O retorno da FEB ajudou a modificar o Brasil. Hoje constatamos, portanto, o acerto das profecias de Stefan Zweig. Passadas tantas décadas, ainda hoje BRASIL - PAÍS DO FUTURO nos traz uma perspectiva admirável das potencialidades brasileiras. Mesmo com tantas mudanças

